



RESOLUÇÃO DA COMISSÃO POLÍTICA DO COMITÉ CENTRAL DO PCP(R)

1 — Mendes, ex-dirigente do então chamado PCPML e ex-militante do CMLP, militou no nosso Partido durante algum tempo, a partir do I Congresso.

A partir de certa altura afasta-se do Partido e faz várias críticas à sua linha e actividade. Uma delegação do Comité Central avista-se com ele duas vezes, iniciando a discussão das questões por ele apresentadas, prestando-se a discutir com ele o relatório que estava a elaborar e até auxiliando-o nas suas tentativas de arranjar emprego.

Algum tempo depois destas reuniões e após um período em que não houve qualquer contacto entre o Comité Central e Mendes, fomos informados de que ele e mais alguns elementos andavam a contactar vários membros e simpatizantes do Partido para lhes exporem as suas divergências. Chegou-se aliás a obter um papel que estava na posse de um desses elementos com uma lista de nomes de camaradas do Partido e da UDP, divididos em duas colunas sob os títulos "contactados" e "a contactar", o que mostra bem o carácter sistemático e organizado da actividade cionista que estava a ser desenvolvendo.

Finalmente fomos informados de que o já citado relatório de Mendes estava a ser impresso numa tipografia, sob o título "O PCP(R) visto por dentro", título sem dúvida mais apropriado para um relatório de um agente da Pide ou um seu superior do que para uma exposição de divergências entre alguém e o nosso Partido.

2 — Há poucos dias o Comité Central recebeu uma carta de Mendes.

Começa ele por afirmar que considera revisionista e direitista a linha do Parti-

do, dizendo ainda que ela é antagónica com a linha que ele defende. Depois desta afirmação, Mendes acrescenta que uma vez que está aberto o debate preparatório do II Congresso, deseja pedir o ingresso no Partido a fim de participar no debate. Esclarece depois o seguinte:

"... a minha integração significa: a) Que o CC se comprometa a fazer chegar o meu relatório a toda a organização sem qualquer atraso, como um dos documentos para o Congresso. b) Que qualquer outro assunto da linha que eu deseje abordar, nomeadamente a actualização de alguns aspectos do relatório, seja incluído no jornal que vier a servir de Tribuna do Congresso".

Finalmente Mendes remata as suas propostas com este parágrafo esclarecedor:

"Como é evidente, após o Congresso, ou eu considero que se produziram as correcções suficientes na linha que permitem a minha continuação no Partido, ou concluo que a actual linha direitista se afirmou e nesse caso só me resta sair".

3 — Sobre esta carta, a Comissão Política do Comité Central considera conveniente fazer alguns comentários:

a) Só é permitida a admissão no Partido a quem, como é afirmado no primeiro artigo dos Estatutos, "aceite o Programa e os Estatutos do Partido" e nunca a quem, como Mendes, considere revisionista, direitista e antagónica com as suas ideias, a linha do Partido;

b) Não se admite, seja em que caso for, que alguém ponha condições para o seu ingresso no Partido. Só pode ser admitido no Partido quem satisfaça as condições exigidas,

quem assuma as responsabilidades que isso acarreta, quem compreenda a honra que isso significa e se coloque à inteira disposição do Partido para o servir da melhor forma e com inteira dedicação, sem limites, restrições ou condições de qualquer tipo.

c) Não se admite de forma alguma a admissão no Partido a quem desde logo afirma não estar disposto a aceitar a disciplina partidária, rompendo com o Partido no caso de as suas ideias não prevalecerem nas discussões e debates existentes no seu seio. Só podem participar nos debates do Partido os seus militantes, inteiramente dedicados à tarefa de contribuir para o aprofundamento e melhoramento da linha política do PCP(R), inteiramente dispostos a acatar e cumprir o que for democraticamente decidido pelo Congresso, corresponda ou não às suas opiniões.

4 — A Comissão Política do Comité Central do PCP(R), em face da carta apresentada por Mendes, decide:

a) Não aceitar o pedido de ingresso por ele apresentado, pelas razões atrás expostas;

b) Considerar quaisquer contactos que Mendes estabeleça com militantes e simpatizantes do Partido, como manobras cionistas anti-Partido que, como tal, devem ser repudiadas e combatidas.

Lisboa, 26 de Janeiro de 1977
A CP do CC do PCP(R)

NOTA:

A Comissão Política do Comité Central decidiu publicar esta resolução na Tribuna do Congresso dando-a a conhecer a todo o Partido pelo facto do assunto em referência dizer respeito ao próprio Congresso, cujos trabalhos estão a decorrer.

CORRESPONDÊNCIA

Chamamos a atenção dos camaradas de que o endereço dos materiais a enviar para a Tribuna do Congresso deve ser apenas, sem qualquer outra referência:

Apartado 4.199
Benfica
LISBOA

ERRATA

Na página 23 do projecto de resolução política, na segunda coluna, penúltimo parágrafo, onde se lê: "...e no aparecimento de uma ala esquerda dentro do PC", deve-se ler: "...aparecimento de uma ala esquerda dentro do PS".

Na página 16, primeira coluna, segundo parágrafo, onde se lê: "os chefes militares, depois de terem...", deve-se ler: "os chefes cunhalistas...".

Na página 24, ponto 11, último parágrafo, onde se lê: "ao longo de 1975", deve-se ler: "ao longo de 1976".

Na página 33, ponto 7, segundo parágrafo, onde se lê: "nem levaram até ao fim a nacionalização da grande burguesia", deve-se ler: "nem levaram até ao fim a nacionalização da propriedade da grande burguesia".

O REGIME DE DEMOCRACIA POPULAR

(DO MANUAL DE ECONOMIA POLÍTICA DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS, 1955)

A classe operária e o campesinato, sob a direcção da primeira, são as principais forças motrizes da revolução democrática popular. No decurso da luta contra o fascismo, constituiu-se nestes países uma frente nacional reunindo todas as forças antifascistas. Ao lado da classe operária e do campesinato, entraram para a frente nacional a pequena burguesia urbana e uma parte da média burguesia.

A revolução pôs termo à dominação política dos grandes proprietários da terra e da burguesia monopolista. Foi criado um poder popular democrático sobre a base da aliança entre a classe operária e o campesinato. Foram assim lançadas as bases de um Estado de novo tipo, da república democrática popular. Ao lado dos partidos comunistas e operários, também os partidos pequeno-burgueses e burgueses que tinham feito parte da frente nacional de luta contra o fascismo entraram no governo e nos organismos estatais de uma série de países.

A revolução democrática popular foi em primeiro lugar uma revolução anti-imperialista, visto que libertou os povos escravizados ao jugo imperialista e lhes deu a independência nacional. Foi em segundo lugar uma revolução anti-feudal, pois aboliu as sobrevivências do feudalismo e da servidão na economia e no regime político.

A revolução anti-imperialista e anti-feudal é uma revolução burguesa democrática de novo tipo, característica da segunda etapa da crise geral do capitalismo. Não tendo como objectivo imediato derrubar o capitalismo e instaurar a ditadura do proletariado, ela classifica-se entre as revoluções BURGUESAS DEMOCRÁTICAS, mas, pelo seu conteúdo, é mais larga e mais profunda do que as revoluções burguesas democráticas vulgares: primeiro, porque toda a revolução anti-imperialista e anti-feudal, sendo dirigida contra o jugo imperialista, conduz ao enfraquecimento do conjunto do sistema imperialista mundial, abala-lhe os alicerces. Em segundo lugar, a vitória da revolução anti-

imperialista e anti-feudal cria as condições mais favoráveis para a sua transformação em revolução socialista.

A vitória da revolução anti-imperialista e anti-feudal, dirigida pela classe operária, significa a instauração da ditadura democrática e revolucionária do proletariado e do campesinato, ditadura que faz avançar a revolução realizando a passagem directa à sua segunda etapa: a revolução socialista. Assim, a revolução anti-imperialista e anti-feudal e a revolução socialista são anéis da mesma cadeia, são as duas etapas dum único processo revolucionário.

Na sua primeira etapa, a revolução democrática popular realizou principalmente as tarefas da revolução burguesa democrática. A amplitude destas tarefas, a sucessão e os métodos com que foram realizadas dependeram do desenvolvimento histórico e da situação concreta de cada país.

Em todos os países de democracia popular o regime social e político foi largamente democratizado. Foi abolida a monarquia nos países onde ainda existia. Na maioria dos países, as transformações agrárias revolucionárias tiveram uma grande importância. As terras dos grandes proprietários, com o gado e alfaias, foram confiscadas e, na sua maioria, repartidas entre os assalariados agrícolas e os pequenos camponeses, tornando-se sua propriedade privada. Numa parte das terras confiscadas, foram organizadas explorações agrícolas do Estado. Como consequência das transformações agrárias revolucionárias, desapareceu a classe dos grandes proprietários e a situação do campesinato trabalhador melhorou consideravelmente. Com a terra recebida, um grande número de assalariados agrícolas e de camponeses pobres subiu ao nível de camponeses médios e tornaram-se a figura central da agricultura. A proporção das explorações de camponeses ricos diminuiu sensivelmente.

As transformações agrárias revolucionárias foram realizadas com a participação activa das massas camponesas sob a direcção da classe operária no decurso

de uma luta de classes encarnizada. Apoiadas pelos imperialistas estrangeiros, as forças reacţionárias opuseram uma resistência feroz e tentaram torpedear as transformações por todos os meios. Essas transformações tiveram as maiores consequências económicas e políticas. A abolição da grande propriedade da terra privou as forças reacţionárias duma base material muito importante. A liquidação da grande propriedade da terra fez desaparecer as sobrevivências da exploração feudal do campesinato. A distribuição de terra aos pequenos camponeses e aos assalariados agrícolas ligou-os ao regime popular. As transformações agrárias, ao mesmo tempo que foram a conclusão das tarefas da revolução democrática burguesa, foram também uma das condições necessárias para passar à edificação socialista.

Pela realização das suas tarefas anti-feudais, a revolução democrática popular passou pouco a pouco à sua segunda etapa, transformou-se em revolução socialista. Embora a primeira etapa da revolução tivesse como conteúdo principal transformações de carácter democrático geral, contudo, a classe operária, força dirigente da ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato, não podia limitar-se a essas transformações e tomou uma série de medidas que prepararam a passagem à segunda etapa da revolução. Entre estas medidas podemos citar: a instauração do controlo operário sobre a produção, a confiscação dos bens dos criminosos de guerra e dos capitalistas que tinham colaborado com o ocupante, assim como da burguesia monopolista estreitamente ligada com eles; isto enfraqueceu as posições económicas da burguesia e fez passar para as mãos do Estado popular uma parte da grande indústria; a instauração do monopólio estatal sobre o comércio das mercadorias mais importantes e do controlo do Estado sobre o comércio externo, assim como diversas outras medidas. No decurso da revolução, a nacionalização dos meios de produção tomou uma amplitude cada

vez maior. Tudo isto enfraqueceu a burguesia no seu conjunto e reforçou as posições da classe operária.

A medida que se passava da solução das tarefas democráticas gerais para a das tarefas da revolução socialista, intensificava-se inevitavelmente a luta entre a classe operária e a burguesia contra-revolucionária. Apoiando-se no poder económico que ainda conservava e no capital estrangeiro, utilizando os seus agentes no aparelho de Estado e muitas vezes mesmo no seio do governo, a burguesia procurou por todos os meios fazer fracassar as medidas tomadas pelo poder de democracia popular e restabelecer a sua dominação económica e política.

O regime político da democracia popular começou a desempenhar com êxito as funções da ditadura do proletariado; a democracia popular tornou-se uma das formas da ditadura do proletariado.

"Encarnando a dominação dos trabalhadores sob a direcção da classe operária, disse G. Dimitrov, o regime de democracia popular pode e deve, como a experiência já provou, exercer com êxito as funções da ditadura do proletariado para a liquidação do capitalismo e a organização da economia socialista."

Foi assim que se operou a transformação duma revolução que era burguesa democrática pelo seu carácter numa revolução socialista. Foi assim que se efectuou a passagem progressiva duma etapa da democracia popular à outra: da ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato à democracia popular exercendo as funções da ditadura do proletariado.

O reforço de hegemonia do proletariado e do papel dirigente dos partidos comunistas no decurso das transformações democráticas foi a condição decisiva da passagem à revolução socialista e à ditadura do proletariado e determinou o carácter desta passagem. A instauração da ditadura do proletariado não tomou a forma de um acto único, do derrubamento do poder

(continua na página 4)

APROFUNDAR A REVOLUCIONARIZAÇÃO TAREFA PRIORITÁRIA DE TODO O PARTIDO!

No nosso Partido e em particular na região a que pertencemos temos tido camaradas que se recusam a emprestar ao Partido objectos, impedindo-o de desempenhar por vezes as suas tarefas de uma forma mais eficiente.

Já não é a 1ª vez, que camaradas se recusam a emprestar os seus carros para o Partido servir a classe e a luta do Povo.

Em argumentação de tal atitude, perfeitamente burguesa, vem a desculpa habitual, que também é burguesa, de que precisam do carro para ir para o trabalho ou para a escola, quando podiam muito bem ir nos transportes e mesmo a pé. Desta forma o nosso Partido fica por vezes sem realizar as suas tarefas, como já tem acontecido. A quem é que serve, a inactividade do nosso Partido? Só pode servir à burguesia.

O mesmo se passa, quando são necessários locais para reunir o Partido. Neste aspecto também existem camaradas que arvoram mil e um argumentos para se "justificarem" de não poderem ceder a sua casa para tais fins: ou é a família, ou são os vizinhos, ou não podem queimar a sua casa, etc.

Ficando o Partido impedido de funcionar às mil maravilhas e levando a situações de ter de reunir em sedes, o que é perfeitamente incorrecto, como, aliás se tem dito, prevenindo e criticado.

Quando o nosso Partido faz algum peditório de dinheiro, de materiais, etc, logo se pode ver que há camaradas que, em vez de pensarem logo como vão servir da melhor maneira as necessidades do seu Partido e esforçar-se para o conseguir, não o fazem. Em vez disto, põem-se logo a pensar, qual a forma para poderem "safar-se" a mais uma "carga" (dizem eles), arranjando normalmente, como é costume, as mesmas "desculpas" ou "justificações" burguesas. Ou é a família, ou porque não podem, por "causa" das companheiras, ou acham que é muita coisa e eles não "podem", ou não têm (mas têm para outras coisas secundárias e de interesse e para consumo próprio), etc.

Os exemplos mais flagrantes estão nas últimas necessidades que o Partido teve, e as quais os obrigou mais uma vez a pronunciar-se. O Partido pediu que se arranjasse roupas, conforme se pudessem, para homens, para mulheres e crianças. Ora o que vimos, foi muitos camaradas, ou a dizer que "não" tinham, ou a "esquecer" a questão, não arranjando sequer, um par de peúgas, um lenço de assoar, etc.

Isto não se admite, nem que os camaradas tivessem de tirar metade às "suas" roupas e dá-las ao Partido. Assim é que tem de ser no futuro.

Há camaradas que têm "boas" condições de vida, bons empregos, ganham ordenados

jeitosos em relação à maioria do Povo trabalhador do nosso país, têm casas confortáveis, automóvel, têm as casas com o que há de melhor, tudo à base de alcatifas e cheias de electrodomésticos, boas e variadas roupas, etc. No entanto, quando se faz um peditório, em que se peça ou dinheiro ou objectos para se venderem e darem dinheiro à mesma para o Partido, camaradas há, que pouco ou nada fizeram nem sequer um "garfo" foram vender para dar o dinheiro ao Partido. Continuaram a perseverar todos os "seus" privilégios, não só em relação à classe e ao Povo, como em relação à esmagadora maioria do nosso Partido. Puseram-se mesmo em cima e por cima do Partido. Naquele momento serviram da melhor forma a burguesia e evitaram o seu Partido.

Se passarmos os nossos olhos, mas bem abertos, por alguns sectores do Partido, depressa damos com camaradas que não pagam quota, ou então ganham bem e pagam uma miséria de quota, como acontece com alguns camaradas que são engenheiros e que pagam a miserável quota de 50\$00 ou 100\$00. Neste caso torna-se ainda mais grave haver certos camaradas operários onde acontece o mesmo. E ainda pior, é que esses mesmos camaradas, são das maiores fábricas da região (Efaced) e que ganham perto de 10.000\$00 e dão uma miséria de sustento ao Partido.

Tanto mais grave é, o facto do Partido pedir o 13º mês e haver camaradas que ganham bem, inclusive operários como os que referi atrás e mais, dirigentes do Partido) que dizem não poder. Isto acontece, quando estes camaradas ganham ordenados de perto de 10 contos de reis. Para onde levam então o dinheiro tais camaradas? Como podem então viver, tantos e tantos operários só com 4 contos de reis? Onde estão os outros 6 contos de reis?

A resposta é fácil! É que tais camaradas, dominados ainda por conceitos ideológicos burgueses, vão pôr o "seu" dinheiro a "render" no Banco dos capitalistas. Estes camaradas que têm dinheiro nos bancos, (e há bastantes inclusive certos operários) não sabem concerta que em vez de estarem a lutar pela revolução estão a lutar contra ela. Ao pôr o dinheiro no Banco, eles estão a dar respiração de boca a boca ao capitalismo, estão a alimentá-lo, em vez de lutar para o destruir.

Por outro lado privam também o Partido de actuar contra o Capital e a reacção.

Ao fim e ao cabo tais camaradas, entram a todo o momento em contradições. Como podem eles lutar pelo Socialismo, cuja sociedade abolirá a propriedade privada e cujo Partido no geral e cada um dos seus

membros em particular, têm de estar preparados para educar o seu Povo nos conceitos da sociedade socialista, (que é para não acontecer, como foi na Albânia Socialista, em que um camponês demorou 15 anos a dar a sua vaca à propriedade colectiva), se têm dinheiro no Banco, no bolso dos capitalistas, para eles esmagarem a revolução, em vez de o terem na mão do Partido para ser utilizado na luta de libertação do nosso Povo. Como podem estes camaradas dar a vida pelo povo e pela revolução, se neste momento preferem antes e primeiro para eles e depois para os outros? Quem não dá uma peça de roupa, uns escudos, o seu tempo, a sua família, os seus bens ao Partido e à Revolução, então muito menos dá a vida!

Enquanto tudo isto se passa reparamos que o Partido tem um espelho que desenha um molde que nada tem a ver com isto. Ao fim e ao cabo, são duas maneiras de pensar diferentes, são duas maneiras de agir diferentes, são de facto duas classes diferentes, que como é natural têm práticas e interesses diferentes também. Uma classe a que relato, a sua prática dentro do Partido, é a classe burguesa, a classe que quer perpetuar a exploração, que não quer perder os seus privilégios.

Outra classe é aquela que está em tudo, na ideologia, na prática, oposta de cima a baixo à outra. É composta por aqueles que tudo produzem e nada têm. Por aqueles que se levantam com vigor e alegria a responder aos apelos e às necessidades do seu Partido. São aqueles que se for necessário, dão ao Partido a camisa que trazem vestida no corpo, são aqueles que têm frio em casa em vez de aquecedores e alcatifas, que têm fome em vez de fartura e boa comida, que têm um ordenado de miséria em vez de terem um ordenado que lhes desse para viver, que andam quilómetros a pé na vida e que não têm carro, são aqueles que vindo cansados da fábrica, têm de tratar da casa, encará-la, lavar a louça, passar a ferro, não têm máquinas nem electrodomésticos para lhes dar de comer, levantam-se às 5 h da manhã, para levar os filhos à ama ou deixá-los abandonados em casa, vão lavar a roupa para o tanque até ficarem com os dedos esfolados, não têm máquina de lavar, são os que nada têm, e os que mais trabalham e apesar de nada terem ainda dão o que têm ao seu Partido.

Como é fácil compreendermos estas duas posições, opostas de cima a baixo, e no nosso Partido a existirem!

Cabe às forças proletárias-revolucionárias no nosso Partido, que são estas que foquei atrás, ter que meditar acerca destas questões. Aqui têm que formar o cerco e travar o combate. Vai custar, vai ser duro,

porque a burguesia é poderosa, mas nós temos condições para ganhar e além disso temos de ganhar.

Não admira que tenhamos agentes da burguesia no nosso seio. Digo agentes porque o são, ao fim e ao cabo, embora os camaradas que tenham encarnado estas práticas e este espírito o possam fazer, e creio que sim, dado ainda a sua fraca consciência e dado que na maioria dos casos que revelei, os seus autores (dos fracos e tristes casos, é claro) são no fundamental oriundos de classes não proletárias, classes essas, onde, como é natural, o combate tem de ser mais duro, porque os fundamentos do Capital, e a defesa da propriedade privada estão no fundo da raiz, pela defesa da família e dos privilégios da burguesia. Como o nosso Partido é para fazer a revolução, tem de ter no seu seio uma forte consciência proletária, uma consciência plena de combate que tem de travar a todo o momento para se ir destruindo, aos poucos e poucos, a propriedade privada. Na frente de luta ideológica o nosso Partido tem de se educar de cima a baixo, sob o comando da ideologia proletária, a travar um combate cerrado para conseguir destruir o espírito de propriedade privada nos seus militantes e implantar em todo o Partido, um forte espírito BOLCHEVIQUE de bens comuns, de colectivismo fase importante de preparação para a sociedade socialista que queremos atingir e conquistar.

Lenine ensina-nos a este respeito:

...*"Há homens que se preocupam unicamente com o que lhes falta, sem nunca se ocuparem com o que falta aos outros". "Eis a psicologia e a mentalidade que não podem existir num comunista..."*

V.I. Lenine

Devemos seguir os exemplos de Lenine e educar todo o Partido nas suas obras imortais.

Camaradas do nosso Partido!

Militantes e dirigentes!

Se bem que acerca deste assunto tenhamos também que desmascarar a criminalidade dos grupos anti-marxistas, porque nunca educaram os militantes acerca deste princípio fundamental (pois nos grupos eram os próprios chefes a roubar dinheiro ao Povo, para os seus propósitos pessoais), temos no entanto, que no fundamental, compreender também nesta questão essencial, a necessidade de combater tudo isto, para termos um Partido que não seja recusado pelos seus próprios militantes, mas para que tenhamos um autêntico Partido marxista-leninista, onde todos os seus membros formam uma grande família revolucionária com o grande chefe Proletariado a dirigi-la.

(Continua página 4)

Transformemos as grandes fábricas em fortalezas da nossa política revolucionária

Uma linha vermelha atravessa todo o Projecto de Resolução Política para o II Congresso: a afirmação do papel de vanguarda da classe operária na revolução, a afirmação do carácter proletário do nosso Partido marxista-leninista, a afirmação de uma linha de classe revolucionária e independente. É em torno desta linha vermelha que se constrói toda a estratégia e a tática do nosso Partido.

"Transformar a imensa força demonstrada pela classe operária em direcção política proletária efectiva, em hegemonia do proletariado no movimento popular", é a missão que o Projecto de Resolução nos aponta. E para isso, define muito justamente que "a tarefa central do Partido é a conquista da unidade da classe operária".

Fica assim mais claramente definido o sentido em que o Partido deve orientar os seus esforços fundamentais. Desde o I Congresso que tinha sido apontada a absoluta necessidade de o Partido pôr em prática uma ampla política de frente popular, como condição para se afirmar como força actuante com um papel de vanguarda na luta de classes. A vida demonstrou a justeza desta posição, e as tendências estreitas e sectárias para voltar o Partido para dentro e o isolar perderam quase toda a força. Mas o que nem sempre ressaltou com clareza em todo o Partido, e nalguns locais prejudicou o desenvolvimento da nossa actividade, foram as bases em que deve assentar a ampla frente popular de massas para ser sólida e consequentemente revolucionária.

O Projecto de Resolução para o II Congresso aponta claramente essas bases: "a política de frente popular do nosso Partido assenta sobre a unidade da classe operária e a aliança operário-camponesa". "A unidade da classe operária é condição essencial para dar força e consequência revolucionária à unidade de todo o povo". Fica assim o nosso Partido armado com uma orientação proletária que se opõe frontalmente a posições erradas, que aqui e ali se manifestaram também no nosso seio, para

quem a política de frente serve de pretexto para apagar o papel dirigente da classe operária e dissolver a actuação determinante do Partido Comunista.

Se a nossa tarefa central é a conquista da unidade da classe operária, o nosso Partido deve ter como direcção central do seu trabalho de organização implantar-se solidamente no coração da classe operária, e aí combater os factores que a dividem, em primeiro lugar a influência dos revisionistas cunhalistas. E esse coração são as grandes concentrações industriais, a começar pelas grandes fábricas e empresas de mais de 500 operários.

É nas grandes fábricas de mais de 500 operários que está concentrada a parte mais consciente, combativa, disciplinada e experiente do proletariado, é aí que está o verdadeiro núcleo de vanguarda da revolução em Portugal. Por esse motivo, as grandes fábricas são também o principal centro nervoso da luta de classes no nosso país. É a partir dos locais de trabalho que a classe operária se levanta em luta, se une e tempera, e se prepara para as batalhas políticas superiores. O nosso Partido Comunista, para estar totalmente mergulhado na luta de classes e a poder dirigir, tem de dispensar a sua maior atenção ao fortalecimento da sua organização nestes pontos vitais.

De igual modo, as grandes fábricas são também o esqueleto de todo o sistema produtivo capitalista. Não perdendo nunca a visão revolucionária dos seus objectivos estratégicos, o nosso Partido compreende que é vital uma forte organização nas grandes fábricas para a classe operária estar em condições de estrangular a burguesia, enfraquecer o seu poder e criar condições para a sua destruição.

Um Partido fortemente implantado em todas as grandes fábricas será como um carvalho de fortes raízes, capaz de resistir aos embates revolucionários mais duros, capaz de conduzir, com a classe operária à cabeça, a ampla frente de todo o povo às nossas metas revolucionárias. Um

Partido com uma organização fraca nas grandes fábricas, será como um frágil pé de couve, arrancado pelo primeiro vento da repressão burguesa, incapaz de derrotar a influência revisionista, incapaz de se erguer a um papel dirigente na luta de classes.

É por estes motivos que é inteiramente justa a orientação apontada no Projecto de Resolução: "implantar fortemente o Partido em todas as empresas com mais de 500 operários e transformá-las em fortalezas da nossa política revolucionária", e, e será sempre, a direcção fundamental do nosso trabalho de organização".

De acordo com esta linha, o esforço de todas as organizações do nosso Partido nas zonas industriais deve dirigir-se em dois sentidos: alargar as células já existentes nas grandes fábricas, transformando-as a curto prazo em Comitês de Empresa; e implantar o Partido nas grandes fábricas onde não existe ainda organização.

Onde ainda não foi realizada, esta orientação exige um corte radical com a prática que era tradicional nos antigos grupos. Por um la-

do, é preciso romper com a orientação dos antigos caciques pequeno-burgueses que, porque não tinham nunca em vista a revolução e os interesses da classe operária, abandonavam aos revisionistas precisamente os pontos fundamentais da luta de classes e desgastavam inutilmente os esforços do Partido na organização dos bairros. Mas, por outro lado, é preciso romper com a erva daninha das tendências anarquizantes e dispersivas, que não separaram o principal do secundário no trabalho de organização, e sob mil pretextos não concentram os esforços nos pontos vitais. A implantação do Partido nas grandes fábricas exige ideias claras, um plano concreto e um rigoroso controlo que assegure a sua execução.

Que o nosso II Congresso seja o arranque para um fortalecimento ainda maior do nosso Partido Comunista, assente nas raízes sólidas dos seus Comitês de Empresa, conquistando o reconhecimento de maiores sectores da classe operária e a sua unidade em bases revolucionárias.

A.

(continuação da página 2)

existente, mas fez-se pelo reforço gradual das posições do proletariado, que ganhou a si as massas trabalhadoras, e pela aplicação de uma série de medidas tendentes a fazer desaparecer a dominação económica da burguesia. Entre estas medidas, foi decisiva a nacionalização das grandes empresas capitalistas e dos bancos.

Todas as nações chegaram ao socialismo, isso é inevitável, mas não chegaram lá por meios idênticos; cada uma contribuirá com a sua originalidade nesta ou naquela forma de democracia, nesta ou naquela variedade de ditadura do proletariado, neste ou naquele ritmo de transformação socialista dos diversos aspectos da vida social.

(Continuação da página 3)

Nesse Partido tudo o que exista, ligado aos seus membros e os próprios membros, passam a ser o grande Património Colectivo do nosso Partido.

É isso que queremos! É este salto em qualidade que o II Congresso nos vai fazer dar.

VIVA O NOSSO II CONGRESSO!

S. "Estrela Vermelha"

Nota da Comissão de Redacção

De acordo com o camarada que nos enviou esta preciosa colaboração, publicamos as partes mais significativas na impossibilidade de publicarmos o texto na íntegra, pois que o mesmo ultrapassava o espaço máximo (1 página por artigo) permitido pelo regulamento.